



UNISO

CIÊNCIA



CONHECIMENTO A SERVIÇO DA COMUNIDADE • EDIÇÃO Nº 24 • 30/07/2023

ANIVERSÁRIO DE SOROCABA É CONVITE PARA REFLETIR SOBRE “HISTÓRIA OFICIAL”



Tratamento da imagem: Daniele Coimbra/Assecoms-Uniso; Foto: Arquivo/Prefeitura Municipal; Pintura: Fundação de Sorocaba/Ettore Marangoni

• PÁG 02 •

CURRÍCULO VOLTADO À EDUCAÇÃO MIDIÁTICA
ESTÁ DISPONÍVEL GRATUITAMENTE EM PORTUGUÊS

• PÁG 06 •

EDITORIAL

Nesta edição do jornal Uniso Ciência, que está sendo lançada perto da comemoração do aniversário de Sorocaba, trazemos uma reflexão sobre os significados em torno da data de fundação da cidade, na perspectiva da história e da memória. Tomando como ponto de partida a “história oficial” e suas representações, seus monumentos e personagens centrais, como Baltazar Fernandes, podemos reconhecer a complexidade da construção das narrativas hegemônicas sobre o passado que, afinal, mostra-se um campo aberto a ser revisitado.

Outro tema abordado nesta edição são os desafios da comunicação e da educação na sociedade digital. Esse assunto foi tratado em um simpósio da Rede Euro-Americana de Pesquisa em Competências de Mídia para a Cidadania (Alfamed), realizado pelos Programas de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura e em Educação da Uniso. O evento teve como resultado a publicação do livro Currículo Alfamed de formação de professores em educação midiática: Alfabetização midiática e Informacional na era pós-Covid-19, que está disponível para download gratuito, no link da reportagem. **Desejamos uma ótima leitura!**

Prof. Dr. Rogério Augusto Profeta
Reitor

Prof. Dr. Fernando de Sá Del Fiol
**Pró-Reitor de Graduação
e Assuntos Estudantis**

Prof. Dr. José Martins de Oliveira Júnior
**Pró-Reitor de Pós-Graduação,
Pesquisa, Extensão e Inovação**

EXPEDIENTE

Uniso Ciência é uma publicação da Universidade de Sorocaba.

Reitoria: Prof. Dr. Rogério Augusto Profeta (Reitor), Prof. Dr. Fernando de Sá Del Fiol (Pró-Reitor de Graduação e Assuntos Estudantis) e Prof. Dr. José Martins de Oliveira Júnior (Pró-Reitor de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Inovação).

Coordenação: Assessoria de Comunicação Social (Assecoms) / Jornalista responsável: Mônica Cristina Ribeiro Gomes (MTB 27.877).

Equipe: Prof. Dr. Guilherme Profeta e Prof. Dr. Édison Trombeta de Oliveira (Reportagens), Daniele da Silva Coimbra (Diagramação), Paula Rafael Gonzalez Valelongo (Revisão).

Conselho Editorial: Prof. Me. Adilson Aparecido Spim, Profa. Dra. Denise Lemos Gomes, Prof. Me. Edgar Robles Tardelli, Profa. Ma. Mônica Cristina Ribeiro Gomes e Prof. Dr. Nobel Penteado de Freitas.

Informações: ciencia@uniso.br
(15) 2101.7006/7081 | uniso.br

ANIVERSÁRIO DE SOROCABA É CONVITE PARA REFLETIR SOBRE “HISTÓRIA OFICIAL”

REPORTAGEM: Guilherme Profeta
FOTOS: Fernando Rezende

Em 15 de agosto de 2023, Sorocaba comemora 369 anos. Pois será mesmo?

Você verá, nesta reportagem especial, que responder essa e outras perguntas pode ser mais complexo do que parece. Isso porque, muitas vezes, a história oficial é mais uma convenção — um padrão com que as pessoas concordam, não raro tacitamente — do que uma verdade concreta e absoluta.

No caso do aniversário de Sorocaba, a pesquisadora **LARISSA GIRARDI LOSADA** explica que houve um tempo em que a data era outra: 3 de março, marcando o dia em que Sorocaba foi alçada ao status de vila, em 1661 (ano que

também difere daquele que atualmente se considera como o de fundação da cidade, 1654). Convencionou-se, contudo, que o aniversário de Sorocaba seria comemorado em 15 de agosto, coincidindo com o dia em que é celebrada a Assunção de Nossa Senhora, por uma possível sugestão do historiador e sacerdote Aluísio de Almeida — informações que Losada obteve a partir da leitura de outro pesquisador, o historiador Carlos Carvalho Cavalheiro (cujo trabalho esteve focado principalmente nas memórias operárias e subalternas de Sorocaba). Vale lembrar que essa mudança de data se deu bastante recentemente, em 1954, não coincidentemente o mesmo ano em que foram erigidos diversos monumentos na cidade, naquilo que a pesquisadora define como “uma tentativa de marcar determinadas memórias na paisagem urbana”.

Losada é arquiteta, estudante de História na Universidade de Sorocaba (Uniso) e mestranda na área de Museologia na Universidade de São Paulo (USP), onde estuda as potencialidades do acervo arqueológico do Museu Histórico Sorocabano (MHS) no sentido de ser vetor de memórias alternativas, menos excludentes, sobre Sorocaba e região. Esta não é a primeira colaboração dela com o projeto Uniso Ciência; siga o link pelo **QR code** para ler a reportagem “Preenchendo as lacunas da história: uma nova vida para o acervo arqueológico dos povos originários de Sorocaba” (dez./2022):



A pesquisadora Larissa G. Losada, no espaço da reserva técnica do Museu Histórico Sorocabano

Tais memórias, conforme ela defende, costumam ser fabricadas em momentos específicos, servindo a interesses igualmente específicos. “É preciso, assim, distinguir aquilo que algumas pessoas chamam simplesmente de ‘história’ de alguns dos processos de construção e escolha das memórias que serão tidas como ‘oficiais’”, ela diz. Um dos exemplos mais emblemáticos, no caso de Sorocaba, é o da estátua de Baltazar Fernandes (cujo nome também aparece em alguns materiais grafado com s: Baltasar), tido como fundador do município. A estátua teria sido inspirada numa pintura finalizada na década de 1950, pelo artista plástico suíço Ettore Marangoni (1907—1992), e é um bom lugar para

começar a se discutir sobre o que há por trás da história oficial de Sorocaba, assim como de outros municípios paulistas.

REPRESENTAÇÕES DE DISCURSOS HEGEMÔNICOS DO PASSADO

“A pintura de Marangoni faz parte do que chamamos de ‘pinturas de história’, que são pinturas ‘pedagógicas’ sobre um passado heróico e mítico, quase uma forma de abrir as ‘janelas do tempo’ para acontecimentos julgados emblemáticos”, explica Losada. “Essas pinturas costumavam funcionar como uma forma didática de criar memórias sobre um determinado passado, assim materializando

determinadas narrativas para o futuro a partir da exaltação de heróis míticos. Pinturas de história como a de Marangoni se tornaram canônicas, inclusive pela ampla reprodução. Em Sorocaba, além da estátua inspirada pela pintura, a obra já foi reproduzida em selos postais, sacolas de mercado, comerciais, folhetos, capas de caderno e outras mídias.”

Segundo a pesquisadora, a pintura de Marangoni e, conseqüentemente, a estátua por ela inspirada fazem parte de um discurso hegemônico, perpetuado por aqueles que estiveram à frente do poder local, para associar o processo de colonização



Estátua de Baltazar Fernandes, fundador de Sorocaba, localizada em frente ao Mosteiro de São Bento, no centro histórico do município

à civilidade e ao marco zero das cidades paulistas — o que resulta em fadar ao esquecimento agentes históricos anteriores, como aqueles dos povos que foram subjugados pelo processo de colonização.

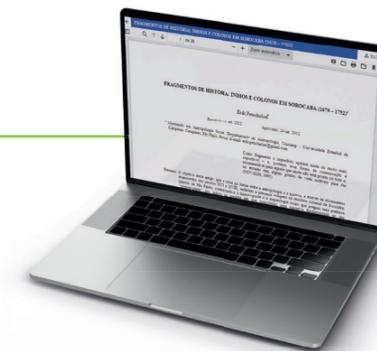
“Tanto as pinturas quanto os monumentos e outras formas de representação podem funcionar como alegorias de poder, de ocupação dos espaços e de afirmação de tradições muitas vezes excludentes”, ela explica. “Assim, tomamos essas manifestações histórico-culturais como representações de um passado em conflito, no qual determinados grupos tiveram o poder de escolher e perpetuar suas memórias de forma hegemônica, ao passo que outros grupos tiveram seus direitos à memória, à história e à cultura negligenciados e silenciados. Hoje, diversas áreas do conhecimento (como a História, a Museologia, a Arqueologia, as Ciências Sociais etc.), bem como movimentos sociais, pesquisam e reivindicam esses direitos que foram usurpados. É o que podemos chamar de desestabilização de discursos, entendendo que o que se convencionou chamar de ‘história da cidade’ não é um dado inerte, mas um campo de problematização, de pluralidade de narrativas e de conflitos.”

PERSONAGENS E VISÕES DE MUNDO EM CONFLITO NA CONTEMPORANEIDADE

Vale lembrar que o próprio Baltazar Fernandes é um personagem controverso, por diversas razões. Talvez, inclusive, ele não tenha apresentado exatamente as mesmas feições pelas quais muitos o reconhecem até hoje. “Baltazar era bisneto de Tibiriçá, uma importante liderança indígena, e também descendente de portugueses”, lembra Losada. “Existem poucos dados sobre Baltazar Fernandes e, até onde pesquisei, suas feições não são descritas nesses materiais. Aluísio de Almeida, que é considerado pioneiro nos escritos históricos sobre Sorocaba, cita genericamente que ele poderia ter características portuguesas e/ou indígenas. Isso significa que Baltazar pode ter passado pelo mesmo processo que outras figuras históricas proeminentes, cujas representações, ao longo do tempo, acabaram sendo ‘europeizadas’

— ou seja, suas características europeias foram idealizadas e ressaltadas, ao mesmo tempo em que se aniquilava qualquer característica indígena.”

Além disso, ela ressalta que Baltazar Fernandes, assim como outros bandeirantes, era um escravista: quando chegou ao território de Sorocaba, ele o fez com algumas centenas de escravos indígenas sob seu poder. “Esse fato denota o quanto a fundação e o desenvolvimento econômico deste território estiveram diretamente relacionados ao aprisionamento indígena e à utilização de sua mão de obra escravizada para fins diversos, como lavoura e construção, de modo a abastecer o mercado que paulatinamente se formava no interior paulista”, ela diz. Para quem quiser ler mais a respeito, ela sugere o **ARTIGO CIENTÍFICO** “Fragmentos de história: índios e colonos em Sorocaba (1679—1752)”, publicado em 2012 pelo pesquisador Erik Petschelies na Revista de Estudos Universitários (REU) da Uniso.



Siga o link para acessar o artigo, em português:



Naturalmente, a prática da escravidão, corriqueira na época, é hoje compreendida como

uma violação de direitos humanos básicos e inalienáveis. Esse tipo de conscientização à luz de ideais contemporâneos (que inexistiam ou eram pouco consolidados em outros tempos) é um dos pontos que motivam, no mundo inteiro, movimentos voltados ao questionamento de certos “ídolos” históricos: nos EUA, por exemplo, esses movimentos se manifestam por meio da derrubada ou da vandalização de estátuas erigidas para homenagear conquistadores como Colombo ou generais escravistas. O mesmo já ocorreu em São Paulo, no Monumento às Bandeiras, e até mesmo em Sorocaba, em anos anteriores, quando o alvo foi justamente a estátua de Baltazar Fernandes.

“Tudo isso nos mostra que o patrimônio está vivo e é, também, um campo de tensões. A história não está resguardada no passado, no fim das contas. Em minha opinião, esse tipo de reivindicação contemporânea tem fundamentos históricos e mostra a urgência de se tratar determinados temas — nas escolas, nos museus e nas mídias —, mas, pessoalmente, não sou capaz de formar uma opinião sobre quais seriam as formas mais eficazes de reivindicação. Talvez pudéssemos pensar em hipóteses como erguer outros monumentos e oferecer contrapontos sobre a construção histórica dos bandeirantes e de outras figuras — como esta reportagem está fazendo —, trabalhando na desconstrução das narrativas hegemônicas e de tradições inventadas para serem incontestáveis”, posiciona-se a pesquisadora.

Para ela, esse tipo de reflexão contemporânea — ainda que possa vir recheada de conflitos inevitáveis — é sinal de um contexto democrático, em que afloram novas formas de pensar a nossa história, de propor indagações aos documentos históricos e de compreender a própria cidade (a paisagem urbana) como um desses documentos. “Não é uma questão de apagar as narrativas antigas, ou ‘tradicionais’; pelo contrário: é uma questão de revisita-las, de confrontá-las de forma crítica”, conclui. Este aniversário que se avizinha, instituído para ser comemorado no próximo dia 15 de agosto, pode ser um convite para tal.

CURRÍCULO VOLTADO À EDUCAÇÃO MIDIÁTICA ESTÁ DISPONÍVEL GRATUITAMENTE EM PORTUGUÊS



REPORTAGEM: Guilherme Profeta

Desde a primeira geração da internet comercial, nos anos 1990, até a emergência de fenômenos mais contemporâneos, como as mídias sociais, vem acontecendo uma reconfiguração gradativa na dinâmica dos fluxos de informação: quem comunica o que para quem, ou está autorizado a comunicar. Enquanto no passado havia poucos agentes sociais que detinham autorização institucional para se comunicar às massas (como os jornalistas, por exemplo, que contavam com a chancela da grande imprensa), hoje o potencial para tal está disponível a todos que dispuserem de um *smartphone* e de acesso à internet. Por um lado, essa reconfiguração representa uma profunda

democratização dos fluxos de informação; por outro, ela culmina também em fluxos mais caóticos, por meio dos quais pode ser difícil se guiar, já que neles opera uma cacofonia de discursos, tanto especializados quanto não especializados.

E, se esse já era um desafio antes mesmo da pandemia de Covid-19, a situação só se tornou mais urgente depois que entraram em vigor as medidas de distanciamento social, uma vez que muitas esferas da vida em comunidade que ainda aconteciam fora da internet tiveram de ser transpostas às pressas para espaços virtuais, o que, conseqüentemente, tornou os fluxos ainda mais caóticos. O contexto, naturalmente, pode ser estudado a partir de múltiplos pontos de vista: por pesquisadores da Educação e da Comunicação Social, por exemplo — e isso

pode ser feito isoladamente —, ou, como aconteceu na primeira edição do Simpósio da Alfamed Brasil sobre Competências Midiáticas (SICOM), por ambos em conjunto.

“Todos nós vivemos a migração para o virtual. E, na emergência da pandemia, todos nós estávamos procurando alternativas: aulas e reuniões que seriam presenciais passaram a ser remotas; fez-se necessária uma reconfiguração não só dos usos da mídia, mas da nossa própria vida privada. Nesse contexto, nós percebemos que as mídias passaram a ser muito mais utilizadas para fins educacionais do que eram até então. E um dos primeiros pontos que nós, pesquisadores, observamos foi que muitos professores, naqueles momentos iniciais da pandemia, buscaram aparatos ou pelo menos

RELEMBRANDO O PRIMEIRO SIMPÓSIO DA ALFAMED BRASIL SOBRE COMPETÊNCIAS MIDIÁTICAS

O simpósio, realizado de forma integrada por dois dos Programas de Pós-Graduação da Universidade de Sorocaba (Uniso), o Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) e o Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura (PPGCC), aconteceu no ano passado e contou com a participação de pesquisadores nacionais e internacionais, os quais apresentaram, em dois dias de evento, os resultados de seus estudos envolvendo educação e competências midiáticas — ou, em outras palavras, a capacidade de um usuário para combinar conhecimentos, habilidades e atitudes de modo a não só acessar as mídias e consumir determinados conteúdos, mas interagir com essas mídias de maneira crítica, inclusive para produzir e difundir os seus próprios conteúdos originais. A realização do evento fez parte de um processo de internacionalização que ambos os programas estão fomentando conjuntamente, principalmente por meio de seus grupos de pesquisa, dos quais vários membros fazem parte do braço internacional da Rede Euro-Americana de Pesquisa em Competências de Mídia para a Cidadania (Alfamed).

algum tipo de guia que os preparassem para trabalhar no contexto dessas mídias.” O relato é da professora doutora Vanessa Matos dos Santos, da Universidade Federal de Uberlândia, e foi compartilhado durante sua fala como pesquisadora convidada no evento.

Santos conta que, quando veio a pandemia, ela estava justamente na Espanha, para uma pesquisa sobre educação midiática e, ao perceber



Siga os links por meio dos QR codes para conferir os registros dos dois dias de evento:

Dia 1

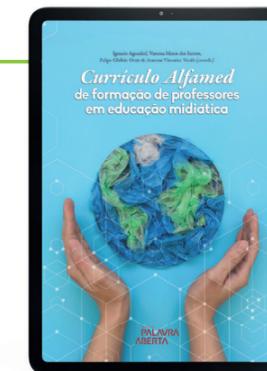


Dia 2



bom material, mas que, por ter sido publicado já há quase uma década, encontrava-se desatualizado. Assim, como parte da Alfamed — a Rede Euro-Americana de Pesquisa em Competências de Mídia para a Cidadania —, ela foi uma das pesquisadoras que se propôs a atualizar o guia da Unesco.

Foi um projeto grande, que envolveu pesquisadores voluntários de 29 países, e que teve como objetivo original adaptar o guia que já existia. “Porém” ela diz, “no decorrer do caminho, e sobretudo em função da dinâmica de trabalho que foi adotada, o que nós percebemos é que o nosso produto final não seria uma revisão ou uma atualização do guia da Unesco, mas na verdade um documento totalmente novo.” O resultado, publicado em 2021, foi um livro intitulado “Currículo Alfamed de formação de professores em educação midiática: Alfabetização Midiática e Informacional na era pós-Covid-19”, **DISPONIBILIZADO GRATUITAMENTE** em português pela editora do Instituto Palavra Aberta — organização sem fins lucrativos que defende a liberdade de expressão e práticas voltadas à educação midiática.



Siga o link por meio do QR code para fazer o download da publicação completa gratuitamente (em português):



O material é dirigido a professores de todos os níveis e está dividido em 32 unidades letivas, cada uma delas com conceituação teórica, referências e atividades didáticas, além de sugestões de avaliação, num percurso planejado para ocupar duas horas de trabalho por unidade. A ideia é que o currículo esteja pronto para ser aplicado por professores brasileiros, seja de forma completa, na mesma sequência em que as unidades letivas estão propostas, ou em partes, a critério de cada docente e das especificidades de cada contexto. “No caso da versão em língua portuguesa, nós tivemos ainda a preocupação de não apenas traduzir o material do original em espanhol, mas de adaptá-lo, propondo exercícios e conceitos mais próximos à nossa realidade”, acrescenta Santos, defendendo o currículo como um esforço para sedimentar uma formação de docentes para a educação midiática no Brasil.

AVANÇOS EM RELAÇÃO AO GUIA DA UNESCO

Um dos principais pontos que justificam a publicação do currículo da Alfamed, quando comparado ao antigo guia da Unesco, é a emergência de uma nova cultura digital no intervalo de dez anos entre 2011 e 2021. Gradativamente, ao longo desse período, as mídias online estiveram cada vez mais disponíveis às comunidades como um todo, e não só a estratos privilegiados da sociedade. Além disso, houve também a emergência dos “prosumidores”, como é chamada essa nova classe de usuários que não só consomem determinados conteúdos, mas também produzem e divulgam os seus próprios.

A conclusão, apresentada no VI Congresso da Alfamed, em Arequipa, no Peru, é de duas pesquisadoras da Uniso, Cristiane Sales Pires e Cristiane Bevilaqua Mota, ambas estudantes de doutorado no Programa de Pós-Graduação em Educação da Uniso. Num **ARTIGO** disponibilizado nos anais do evento, elas analisaram o currículo da Alfamed com base em critérios próprios para a análise de livros didáticos, destacando o fato de o currículo ter incluído em sua redação final temas contemporâneos, como a geração mais recente da web (ou web 3.0), a linguagem dos novos meios digitais, os diferentes gêneros de influenciadores presentes nas mídias sociais, novos formatos publicitários, o fenômeno das *fake news*, privacidade e cidadania digital, entre outros.



Siga o link por meio do QR code para acessar os anais do evento (o artigo está disponível a partir da p. 605):



NECESSIDADE URGENTE

Conforme definem o professor doutor Ismar de Oliveira Soares, da Universidade de São Paulo (USP), e Patricia Blanco, presidente do Instituto Palavra Aberta, num texto introdutório publicado como parte do próprio currículo, a educação midiática (ou ainda alfabetização midiática e informacional) pode ser definida como “o conjunto de habilidades para acessar, analisar, criar e participar de maneira crítica do ambiente informacional e midiático em todos os seus formatos”.

“Levar esse tema tão fundamental para a sala de aula passa a ser, hoje, o caminho mais seguro para garantir que os jovens desenvolvam as habilidades necessárias para navegar com segurança pelo mar de informações com que somos bombardeados a todo minuto”, defendem os autores, argumentando que o problema não está (somente) nas mídias em si, mas especialmente no uso imprudente que a sociedade faz dessas mídias, estando assim suscetível a “uma infinidade de conteúdos de procedências duvidosas e disseminados com intenções camufladas, que dificultam, até mesmo, o entendimento de questões simples e corriqueiras.”

Para a professora doutora Maria Alzira de Almeida Pimenta, do PPGE, que está à frente das iniciativas relacionadas à Alfamed no âmbito da Uniso, o currículo cumpre a função à qual se propõe e, utilizando-o como base, os professores podem, inclusive, trabalhar outra importante dimensão que compõe o conceito de competência midiática: as atitudes. “Atitudes podem ser compreendidas como valores”, ela explica. “Valores orientam a prática, eles são aquilo que dá sentido às ações e às escolhas, e, hoje, eles são a parte mais frágil da nossa educação. Entendo que, se os professores estiverem atentos a isso, o currículo Alfamed também pode contribuir, de forma complementar, para que essa dimensão seja trabalhada na educação escolar quando o assunto é a nossa relação com as mídias.”

Além desse aspecto moral, por assim dizer, de contribuir para uma sociedade mais apta a ler e interagir criticamente com as mídias, existe, especialmente no caso brasileiro, uma outra razão instrumental que torna a educação midiática urgente: o fato de a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) — que é o documento normativo que define quais são as aprendizagens essenciais a serem desenvolvidas na Educação Básica — incluir questões relacionadas às tecnologias de comunicação e aos diferentes tipos de letramento que elas suscitam, o que reforça a importância de novos materiais didáticos, mais atualizados, sobre o assunto.

De acordo com os professores doutores Rafael Ângelo Bunhi Pinto, coordenador do PPGE, e Maria Ogécia Drigo, coordenadora do PPGCC, ambos membros da comissão organizadora do SICOM, faz-se imperativo, justamente pela natureza interdisciplinar desse tipo de material, que o debate decorrente aconteça de forma articulada por pesquisadores de ambas as áreas, tanto da Educação quanto da Comunicação (justamente a proposta do SICOM), e que esse debate esteja amplamente acessível à comunidade que pode vir a se beneficiar dele. Além disso, eles ressaltam a importância de fazê-lo de forma crítica e alinhada às pesquisas que estão sendo desenvolvidas internacionalmente, visto que essas questões estão longe de ser uma preocupação localizada.